

ISSN 0101 - 3336

LETRAS DE HOJE

Nº 55

MARÇO DE 1984

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras

Centro de Estudos de Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:

Prof.ª Maria Rita Motta Guedes Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Macliel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domínguez de Rodrigues Pasquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura

— 4 números anuais —

Brasil: Cr\$ 6.500,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cr\$ 2.000,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Apresentação	p.
Wolfgang Roth — Tendências Atuais na Estilística	p.
Antônio Carlos Viana — A Poética Segundo Meschonic ...	p.
Regina Zilberman — Mito e Literatura Brasileira	p.
Heloísa Vilhena de Araújo — Um Eclipse Totalitário	p.
Maria das Graças Targini — Análise Comparativa de Adaptação da Obra: Os músicos de Bremen	p.
Francisco de Araújo Santos — A Cosmovisão do Cosme Velho	p.
Lígia Morrone Averbuck — Ler: para quê? Uma Conversa entre Professores	p.
Assis Brasil — Decisão: poemas dialéticos	p.
Maria da Glória Bordini — Esconderijos do tempo: Onde o Poeta Finge Singelamente	p.
Salvato Trigo — A Emergência das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e a Literatura Brasileira	p.
Ir. Elvo Clemente — O Caso Literário de Nedda Falzolgher .	p.
Juan M. Corominas — Papel Dramático da Fábula Esópica em A raposa e as uvas de Guilherme Figueiredo	p.

Resenhas

A grande arte, por Homero José Vizeu Araújo	p.
Cartas na rua, por Fernando C. Gil	p.
O segredo do bilhete, por Homero José Vizeu Araújo	p.

Notícias e Livros	p.
-------------------------	----

APRESENTAÇÃO

Situar as diferentes tendências da Teoria Literária contemporânea e, simultaneamente, propor estudos e análises de textos vêm se constituindo no percurso de *Letras de Hoje* nos últimos anos. Possibilita-se, assim, um incessante intercâmbio entre a teoria e a prática, ao mesmo tempo em que se iluminam ângulos novos de obras e autores, bem como das linhas de ação do pensamento moderno sobre a arte literária.

Por esta razão, o ensaio inicial se volta à Estilística, ciência que, embora consolidada no âmbito dos estudos literários, se renova permanentemente e mantém sua área de influência sobre a crítica brasileira. Henri Meschonnic, por sua vez, não é ainda um autor suficientemente conhecido entre nós, lacuna intelectual que o trabalho de Antônio Carlos Viana ajuda a suplantiar, expondo a unidade do pensamento e da obra deste estudioso francês.

Os demais ensaios abrangem aspectos diferenciados de obras de escritores em língua portuguesa. Do clássico Machado de Assis ao livro mais recente de Pedro Lyra, do rio-grandense Mario Quintana aos atuais autores africanos, o espectro é largo, mas cada texto procura ser profundo na sua abordagem tópica. Com isso, outra confluência ocorre: não apenas entre a teoria e a prática, mas também entre a universalidade dos temas e a verticalidade das análises, contribuindo para um conhecimento mais amplo e atualizado de nosso patrimônio literário.

Inclui-se, neste número, como homenagem póstuma, um artigo inédito de Lúgia Morrone Averbuck, falecida prematuramente em janeiro deste ano. A estatura intelectual desta crítica e professora de literatura, que se distinguiu na vida cultural do Rio Grande do Sul por seu trabalho prolongado de mobilização em torno da leitura e dos autores gaúchos, justifica que nesta edição se divulgue seu pensamento sobre o papel da escola como agente cultural.

Regina Zilberman
Organizadora

TENDÊNCIAS ATUAIS NA ESTILÍSTICA

Wolfgang Roth

Ruhr-Universität Bochum

As observações que seguem sobre algumas tendências recentes no campo da estilística estão motivadas por diferentes circunstâncias e razões, a saber:

1ª — Um interesse especial da parte dos filólogos portugueses e brasileiros pelo problema do estilo. Testemunha evidente é a existência de várias estilísticas da língua portuguesa¹. Este fato chama a atenção, uma vez que nem todas as línguas românicas possuem uma bibliografia que se possa comparar à luso-brasileira neste setor².

2ª — Uma viva receptividade de trabalhos teóricos e práticos escritos fora do domínio da língua portuguesa. Lembre-se aqui não apenas as traduções recentes dos trabalhos de Murry, Enkvist e Riffaterre e até de uma estilística francesa, cujos exemplos foram traduzidos para o português na medida do possível, mas também a visão panorâmica das correntes da estilística nas **Orientações da lingüística moderna** do professor Sílvio Elia³.

3ª Livros e artigos publicados nestes últimos anos em vários países que poderiam dar novas sugestões à tradição estilística dos estudos da língua portuguesa.

No que segue tenta-se apresentar esse último tópico que constitui a temática desta contribuição dentro do quadro de uma discussão lingüística geral. O conceito de estilo e os objetivos da estilística no âmbito dos estudos da linguagem e da literatura continuam despertando o interesse daqueles que consideram o assunto como ponto nevrálgico da filologia⁴. Parece faltar, por enquanto, uma ampla recensão em língua portuguesa do que, no decorrer deste último século, se tem proposto como elementos essenciais do estilo e como tarefas primordiais da estilística. Não se pretende

preencher esta lacuna aqui. Existe mais de um estudo sobre estilística que inicia a sua exposição com uma enumeração do que se tem entendido na longa história deste conceito⁵. Pode-se até chegar à conclusão de que a indefinibilidade deste termo constitui a sua essência. Talvez esta particularidade tenha provocado uma certa cisão entre a corrente teórica que, seguindo os exemplos da especulação e dos modelos lingüísticos, tenta relacionar os estudos estilísticos com uma das novas subdisciplinas da lingüística e outra, de caráter mais prático, que procura prender-se aos manuais estilísticos tradicionais e modernizar certos de seus aspectos sob o impacto da lingüística moderna.

A controvérsia acerca do conceito de estilo reflete sobretudo a dificuldade de enquadrar esse termo no edifício hierárquico da lingüística. Estilo não representa nenhuma unidade na escala das unidades lingüísticas entre os extremos do fonema, por um lado, e o texto, por outro, mas participa de todas. Entre as variantes da linguagem enquanto formam diassistemas — é o caso, por exemplo, do dialeto ou do socioleto — estilo constitui um fenômeno particular, uma vez que não pode ser classificado como variante condicionada de maneira inequívoca por um dos fatores básicos divisores da língua como o são espaço, tempo ou sociedade. Revela-se o termo "diafásico" divulgado com o fim de definir a descrição de uma variação que não seja definida geográfica nem sociologicamente como muito abrangente por causa de seu caráter de definição negativa, i. é., no fundo "diafásico" define-se pelo que não é diatópico nem diastrático⁶.

Estas breves considerações já ressaltam o fato de o estilo não ser um fenômeno que possa equiparar-se diretamente aos níveis de análise lingüísticos nem às subdivisões mais ou menos consagradas da linguagem⁷. Daí resumirem as introduções e manuais estilísticos, na medida em que se dedicam à discussão do conceito de estilo, as diferentes concepções acerca da essência do termo estilístico⁸. Assim se chega, em uma dessas obras com visão panorâmica, a um número de quatorze definições diferentes de estilo, sem que se aproveitem devidamente as múltiplas idéias⁹.

Cumprido, portanto, encontrar um enfoque geral que possibilite uma abordagem da problemática sob os diversos aspectos já discutidos ou sugeridos, com o fim de ampliar a base teórica e o material a ser explorado em futuras estilísticas da língua portuguesa.

A dificuldade ou, talvez, a impossibilidade de enquadrar o estilo como fenômeno lingüístico nas diferentes divisões da linguagem para poder analisá-lo, tem levado à conclusão de que o estilo é algo que atravessa a articulação da linguagem em sentido por assim dizer diagonal¹⁰. Estilo enquanto fator diferenciador constituiria, conforme esta concepção, um elemento suplementar e independente dos outros fatores divisórios que servem para analisar o sistema da linguagem. Mesmo assim, seria ousado caracterizar o estilo como variante livre. Em um artigo sobre estilo como problema lingüístico, foi sublinhado o caráter provisório desta denominação¹¹. "Variante livre" como expressão aplicada ao estilo apenas quer dizer, segundo esta visão, que se desconhecem os fatores que condicionam a escolha de uma variante em vez de outra. Deve-se evitar que esta denominação impeça futuras pesquisas relativas à etiologia do respectivo fenômeno estilístico.

Como a bibliografia mais recente sobre a estilística procura aproximar o conceito controverso de estilo do ideário teórico da lingüística, conviria aqui tomar o mesmo rumo selecionando certos teoremas fundamentais da lingüística a fim de elucidar a sua utilidade para o nosso assunto.

O conceito-chave para a estilística parece ser o conceito de norma lingüística nos dois sentidos desta palavra, a saber norma como totalidade das realizações tradicionais do sistema¹² e no sentido mais restrito e prescritivo de totalidade de regras baseadas no emprego geral dos recursos lingüísticos com o fim de regular o uso individual da linguagem¹³. O próprio conceito de estilística repercute nas duas faces da norma. Por um lado a estilística apresenta o que do ponto de vista do sistema chama a atenção e precisa de análises especiais por desviar-se do esperado ou do normal. Por outro lado a estilística constitui um gênero didático que propaga um determinado ideal lingüístico a ser imitado pelos usuários do respectivo manual. Basta alguém ler poucas linhas em uma das estilísticas da língua portuguesa para convencer-se de que esses dois fatores, por assim dizer o criativo e o preceptivo (ou prescritivo), freqüentemente se misturam¹⁴.

Tem-se considerado este fenômeno como uma das essências do estilo que sob a fórmula de "estilo como desvio" encontra seus defensores entre aqueles que se dedicam aos estudos estilísticos¹⁵. Seus críticos vêem neste conceito a desvantagem de concentrar-se este nas formas lingüísticas "insólitas" ou "inabituais" e de excluir

o aspecto de estilo como mera forma de expressão comunicativa¹⁶. Encerra este conceito igualmente a dificuldade de não poder-se determinar satisfatoriamente a forma nem o desvio. O que é considerado como "comum" ou "inabitual" depende muitas vezes de reflexões subjetivas ou de condicionamentos situacionais e dificulta uma objetivação no sentido de estabelecer uma base intersubjetiva necessária para a avaliação estilística.

Sirva de ilustração para esta objeção um exemplo bem conhecido tirado da discussão gramatical. Na literatura brasileira recente observa-se uma maneira de usar os pronomes pessoais átonos já bem distante do que oferecem como norma prescritiva muitas gramáticas. Esta observação não é somente trivial mas também demasiado genérica. É claro que o emprego dos pronomes pessoais átonos na literatura moderna geralmente não é errado nem caótico, mas depende de um elevado número de fatores, como sejam — entre outros — a opinião do autor sobre os pronomes como fato gramatical e como recurso estilístico, a tendência para diferenciar entre vários empregos conforme a temática, a situação descrita, o gênero literário, a apresentação da fala dos protagonistas, os modelos literários. Também os recursos lingüísticos são diferentes e variam da colocação dos pronomes átonos antes ou depois do verbo, da substituição do pronome objeto direto pelo indireto ou simplesmente da não-colocação ou omissão. O afastamento da norma prescritiva, como vem apresentada nas gramáticas da língua portuguesa, torna difícil comprovar o que é norma e o que é desvio. O emprego dos pronomes pessoais segundo os moldes bem tradicionais até poderia revelar-se um desvio quando relacionado com certos dos fatores condicionantes acima mencionados.

O que acaba de ser mostrado mediante o critério do desvio e do exemplo ilustrativo não é a utilidade nem a inviabilidade deste critério controvertido, mas o risco que se corre ao tomar este critério como algo estático. O critério do desvio só pode ser visto em função de seu dinamismo, uma vez que os fatores que o condicionam se encontram em contínua mudança, tornando assim relativo este critério na visão dos emissores e dos receptores do processo de comunicação.

Por trás da discussão acerca da concepção de estilo como desvio está a dicotomia saussureana de fala e língua. Muitos enfoques teóricos no campo da estilística procuram identificar estilo como pertencendo à fala. O elemento estilístico seria um fenôme-

no da fala e, por conseguinte, individual, criativo e — pelo menos na sua fase inicial — fora do sistema da língua¹⁷.

Esta concepção teve duas conseqüências para o andamento da estilística neste século:

1ª — Uma separação entre estilo e estilística, propagada por Charles Bally, separação estabelecida com a intenção de salvar pelo menos uma parte do que se havia considerado como unidade para a lingüística enquanto ciência sistemática¹⁸.

2ª — A restrição inicial do objetivo da estilística a uma pesquisa dos recursos expressivos da língua¹⁹.

Até certo ponto a história pós-saussureana dos estudos estilísticos pode ser focalizada como tentativa de superar tanto a separação entre estilo e estilística quanto a restrição do ponto de vista semântico defendido por Bally. O resultado destas tentativas não podia ser mais heterogêneo. Aqui não se pretende esboçar a história dos estudos estilísticos depois de Saussure e Bally, o que, aliás, para Portugal e o Brasil já foi feito em magistral artigo de Helmut Hatzfeld²⁰. Por isso sirvam aqui de ilustração apenas duas opiniões publicadas no mesmo ano de 1978. No já citado capítulo "Estilística", na 2ª edição de suas *Orientações da lingüística moderna*, o prof. Sílvio Elia chega à conclusão de que "o trabalho propriamente estilístico tem início com a Estilística do estilo, que é a de Vossler-Spitzer, e não com a Estilística do não-estilo, que é a de Bally"²¹. Enquanto o prof. Elia salienta o aspecto particular e criativo como ponto inicial dos estudos estilísticos, bem outra é a posição defendida por Barbara Sandig no seu livro intitulado *Stilistik*, que aqui vai citado por extenso:

"Uma estilística lingüística tem, a meu ver, como objeto o que pode ser formulado em forma de regras, o aspecto convencional. O individual, na medida em que é levado em conta pelo lingüista, deve ser descrito do ponto de vista de sua possibilidade de ser formulado em regras. Outros interesses descritivos pertencem a outras disciplinas. Por isso no campo dos objetivos da estilística cabe a primazia aos estilos convencionais, isto é, àqueles não poéticos nem literários"²².

É óbvio que estas palavras revelam uma atitude radical no sentido de restringir o campo da estilística ao conceito da língua em detrimento do aspecto da fala. Em favor de uma técnica descritiva mais eficiente é contestada a inter-relação entre fala e língua, tão bem representada por numerosas estilísticas que partem

da observação do ato da fala quer nos textos literários ou não literários, quer pela competência lingüística de seu próprio autor. Resalta-se, assim, a autonomia da lingüística, mas perde-se a oportunidade de utilizar a função reconciliadora que o conceito mais tradicional oferece entre várias dicotomias postuladas na lingüística saussureana, sobretudo com o fim de se chegar a uma análise semântica mais satisfatória. São justamente estes aspectos que conduzem, no que segue, a uma avaliação do que se tem escrito ultimamente sobre o assunto em questão.

Cite-se, a seguir, como exemplo do que vem sendo debatido e do que segue, um trecho de uma obra literária recente. No livro *Operação silêncio* de Márcio Souza lemos a caracterização seguinte do protagonista: "Conti o tolerante, laborioso...; Conti que os amigos consideravam uma boa companhia; Conti que as mulheres sentiam-se confortáveis ao seu lado; era o mesmo e completo e sofrido e perseverante Conti..."²³. Este trecho se compõe de quatro unidades sintáticas, cada uma contendo o nome do herói caracterizado mediante construções epítéticas. As duas unidades exteriores contêm adjetivos epítéticos colocados de um modo não corriqueiro segundo as normas da gramática preceptiva. Os epítetos das duas unidades internas são orações relativas, a segunda devendo considerar-se como errada conforme a gramática normativa. O paralelismo das quatro unidades exige este elemento relativo considerado como incorreto do ponto de vista morfossintático. Seria, por conseguinte, esta construção um fenômeno estilístico limitado ao âmbito literário fora da convencionalidade e da possibilidade de ser formulado em regras? Sabe-se que não. A regularidade desta construção encontra-se em outra variante do português do Brasil, na variante da língua popular.

Este exemplo serve para pôr em dúvida a concepção acima mencionada de Barbara Sandig sob vários aspectos, e para aclarar o que se deve levar em consideração para definir o estilo. Pode-se resumir isto nos tópicos seguintes:

- existem várias normas que podem inter-relacionar-se com fins estilísticos;
- a aceitabilidade gramatical e léxica é homogênea mas sofre alterações de acordo com o conteúdo, a intenção do texto e a propensão do receptor para aceitar estes fatores;
- um traço individual de um enunciado qualquer — como uma expressão literária — pode ter suas raízes em um determinado

diassistema, quer dizer, que pode ser um traço coletivo num âmbito diferente;

— um elemento estilístico nem sempre constitui um recurso lingüístico expressivo por si mesmo, mas a expressividade pode condicionar-se pelo seu enquadramento situacional e contextual.

— a literatura, graças a sua grande flexibilidade de expressão e ao seu intenso aproveitamento das possibilidades que o sistema da língua oferece, constitui uma fonte importante para os estudos no campo da estilística.

A dicotomia língua/fala estabelecida pela lingüística saussureana tem exercido sua influência sobre outro aspecto relacionado com as preocupações com o estilo. Este aspecto se concretiza na discussão acerca do caráter individual ou coletivo do estilo. O princípio individualista está intimamente ligado ao próprio surgimento da concepção do estilo como algo que não pode ser abrangido pela retórica, uma vez que era considerado como um elemento inerente à individualidade da pessoa humana e, por conseguinte, não ensinável como a matéria da retórica. A visão que Goethe tinha do estilo enquanto princípio criativo, era incompatível com a retórica enquanto disciplina didática destinada a tornar mais eficientes as manifestações verbais²⁴.

O aspecto coletivo do estilo tem sido ressaltado sob o impacto duplo do interesse pela história da língua literária e da formulação da concepção moderna da norma lingüística. Pode-se citar como exemplo do primeiro interesse o capítulo II ("Feição estilística da frase") do livro de Othon Moacyr Garcia intitulado *Comunicação em prosa moderna*²⁵. Este capítulo não é apenas uma tentativa classificatória dos tipos diferentes da frase na literatura brasileira. O autor tenta, além disso, caracterizar as frases-tipos como próprias de diferentes etapas da história da literatura brasileira.

O segundo interesse, determinado pela concepção da norma lingüística, testemunha-o uma citação do livro *Stil und Leser (Estilo e leitor)* de Eberhard Frey publicado em 1975: "Cumpra, por conseguinte, distinguir entre estilo como norma, i. é. como modo de dizer característico de determinado contexto e estilo como desvio individual da norma, o que, visto negativamente, leva à infração do código das regras estilísticas e à negligência da expressão, e visto positivamente, à arte do estilo,"²⁶.

Pode-se descrever a diferença entre as duas concepções — individual e coletiva — definindo a individual como um elemento

que se caracteriza por ocorrer uma ou várias vezes num determinado autor ou falante, e a coletiva como algo que ocorre com uma frequência acima da média e é usado por um grupo, durante certa época, numa determinada forma de comunicação ou em alguns tipos de texto. Em outras palavras, estilo pode ser algo individual, mas pode basear-se igualmente na experiência coletiva do falante.

Em um livro intitulado *Der Stil der deutschen Alltagsrede (O estilo do alemão de todos os dias)* sua autora, a germanista russa Elise Riesel, expõe o seu programa com as palavras seguintes:

"Neste livro defende-se o ponto de vista de que na lingüística não há fala sem estilo, em outras palavras, qualquer manifestação verbal coerente possui um determinado matiz semântico-expressivo e faz parte de um determinado modo de emprego funcional da língua"²⁷.

Falando sobre o valor estilístico dos fenômenos fonéticos a já mencionada autora Barbara Sandig escreve na sua *Estilística*:

"Dentro do âmbito de considerações estilísticas os fenômenos fonéticos podem ser 'estéticos' — p. ex. a rima, uma determinada frequência das vogais — e podem ser igualmente funcionais, como p. ex. a troca de pronúncia 'coloquial'"²⁸.

Transferindo o que acaba de ser citado para exemplos tirados do português, pode-se dizer que uma avaliação estilística do famoso verso de Oswald de Andrade na sua "Balada do Esplanada":

"Há poesia / na dor / na flor / no beija-flor / no elevador"²⁹

deve destacar o valor estético representado por uma certa ordem e frequência dos sons. Contrariamente a isso, o abandono momentâneo dentro de um trecho pronunciado em língua padrão, do tipo: "Tá certo, num tem problema, vou me(s)mo pro sapatêro" em vez de "está certo, não tem problema, vou mesmo para o sapateiro" seria um fenômeno estilístico funcional, por exemplo, no caso de julgar-se a pronúncia padrão inadequada para uma observação de caráter trivial.

As citações extraídas de duas publicações de data recente da estilística mostram duas visões do conceito de estilo nada novas, não obstante reveladoras do fato de a estilística continuar dividida entre dois aspectos opostos um ao outro, estilo como fenômeno estético e estilo como um dos elementos que garante melhor a função da comunicação. No primeiro caso, estilo é algo que se acrescenta à manifestação verbal sem haver necessidade para isto, estilo como algo adicional à comunicação. Mas quem enfatiza o lado fun-

cional do estilo, considera-o como um elemento imprescindível para uma determinada manifestação verbal. Neste caso estilo é considerado como algo inerente ou intrínseco à comunicação.

Aqui não importa saber se estes dois lados do estilo, o estético-adicional e o funcional-intrínseco se excluem um do outro ou se completam mutuamente. O que interessa neste contexto é que estes dois lados do que se entende por estilo, acompanham a discussão acerca do estilo e impregnam as estilísticas quer como questão deixada aberta quer como uma espécie de divisor de águas.

Na *Estilística alemã* de Bernhard Sowinski o estilo estético-adicional é tratado sob o título "Estilo como enfeite da língua". Trata-se, segundo Sowinski, da concepção mais antiga do estilo, uma vez que a humanidade começou cedo a enfeitar sua fala esteticizando o mero uso através de determinados recursos. A doutrina baseada neste conceito de estilo, elaborada certamente muito mais tarde, encontramos-la, na Antiguidade, na forma da retórica.

Do conceito de estilo enraizado na tradição retórica decorrem, sempre conforme a *Estilística alemã* de Sowinski, três aspectos que se reencontram nas estilísticas modernas, a saber:

1º — A concepção do estilo como resultado de uma formulação lingüística propositada.

2º — A concepção baseada na existência de determinados recursos estilísticos com efeitos modificadores em comparação com o modo de falar comum.

3º — A harmonização do estilo com determinados objetivos do discurso³⁰.

Pelo menos o último destes três aspectos mostra que a antecedência retórica do conceito de estilo se caracterizava por ser, no fundo, inseparável o seu lado estético-adicional do funcional-intrínseco. Formaram-se as próprias doutrinas retóricas com o objetivo de tornar o processo comunicativo entre emissor e receptor mais eficiente, tinham, por conseguinte, um objetivo comparável a uma moderna estilística com fins didáticos.

Cumprido, portanto, perguntar, se o ponto de vista estético-adicional fundamentalmente ligado aos textos literários não seria uma decorrência da visão do texto literário como produto estético. É por isso que se tem proposto ultimamente substituir a distinção entre textos com preponderância formal e textos com preponderância de conteúdo.

Esta distinção sugerida por K. Reiss e adotada por R. Zimmer oferece a vantagem de poder juntar textos literários com outros tipos de textos, em que a forma lingüística desempenha um papel decisivo ao assumir parte da função comunicativa. Zimmer apóia suas pesquisas em romances sem ambição literária mas com ênfase formal, no caso em um autor de novelas policiais francês, cuja elaboração lingüística se caracteriza pelo emprego de vários registros da língua, compensando deste modo o conteúdo trivial por uma forma tão fascinante para o leitor francês que a obra deste autor chegou a ser um dos maiores êxitos editoriais na França³¹.

Textos com preponderância formal fora da ficção literária encontram-se, por exemplo, na publicidade e certamente não é casualidade o fato de textos neste setor já terem sido objetos de pesquisas estilísticas³². Convém frisar aqui que os textos literários, graças ao seu caráter preponderantemente formal, constituem a maior fonte de materiais para a elaboração das estilísticas. Mesmo assim, o levantamento de textos quase exclusivamente literários observável nas estilísticas da língua portuguesa bem admite uma ampliação no sentido de levar em conta outros tipos de textos escritos e falados, entre os quais os não-literários com acentuação formal deveriam ocupar uma posição de destaque.

Tem-se generalizado a aceitação do conceito de estilo como fenômeno não inteiramente literário nestas últimas décadas³³. Tornaram-se comuns, a esse respeito, as idéias da estilística funcional da Escola de Praga, resumidas por Hausenblas, no ano de 1962, pelas palavras seguintes: "Entende-se por estilo o princípio característico e homogeneizador da estrutura de uma manifestação verbal que repercute na seleção, ordem, respectivamente adaptação (codificação) de seus componentes"³⁴.

Considerar o estilo como a "projeção da personalidade do indivíduo através dos meios oferecidos", como o queria ainda Silveira Bueno na sua *Estilística brasileira*³⁵, é apenas um aspecto da estilística e não corresponde mais às correntes atuais neste setor. Muito mais ampla, apesar de sua restrição ao estilo como fenômeno literário, é a visão que Georges Mounin expõe nas suas *Clefs pour la linguistique*³⁶. Observa o autor francês que a verdadeira dificuldade consiste não em compreender os caracteres específicos das formas estilísticas, mas em compreender a relação entre estas formas e as funções poéticas ou literárias, i. é. estéticas, que estas desempenham. Trata-se, de acordo com o lingüista francês, de apu-

rar o que estas formas acrescentam aos significados meramente lingüísticos para que se tornem significados estéticos.

Embora esta posição se concentre no lado estético-adicional do elemento estilístico, toca um problema crucial relativo também ao estilo como fenômeno funcional-intrínseco, a saber o semântico e extralingüístico, i. é. referencial dos estudos estilísticos.

Da mesma maneira em que a análise do fenômeno estilístico estético implica uma interpretação que transpõe o âmbito do mero significado em procura de algo que vai além do fato estritamente significativo, também a análise do estilo do ponto de vista funcional não se limita ao conteúdo isolado do enunciado imediato.

Esta observação, vista não do ângulo semasiológico mas do ângulo da onomasiologia, leva à conclusão seguinte:

Para a verbalização de um fato ou um determinado conteúdo influem certos fatores condicionantes que podem ser ou inerentes ao texto ou dependentes da situação comunicativa geral. Estes dois conjuntos de fatores que na lingüística recebem termos diferentes, serão denominados daqui em diante "contexto" no primeiro caso, e "situação" no segundo. Caracteriza-se, em parte, a lingüística pós-saussureana justamente pela introdução destes fatores na discussão acerca do estilo e nos próprios estudos estilísticos.

Mas para poder falar em estilo, não basta levar em consideração esses dois fatores. Limitar-se aos meros fatores contextuais significaria ocupar-se com a língua na sua funcionalidade interna. Porém funcionalidade lingüística não é idêntica a funcionalidade estilística. Por outro lado uma análise lingüística que parte dos fatores situacionais como lugar, tempo, circunstâncias sociais, corresponderia ao estudo da variação interna da língua, a saber dialeto, socioleto, registro, etc., mas não ao estudo do estilo. A inclusão de um desses fatores ou mesmo de todos não pode constituir nenhuma base exclusiva para uma estilística. Caso contrário, a estilística ficaria fora do interesse lingüístico, o que ocorre de fato com muitos lingüistas que se dedicam ao estudo do texto³⁷. Ou a estilística se tornaria praticamente idêntica ao estudo dos registros da língua, identificação que se observa em parte na estilística anglo-americana³⁸. O que deve juntar-se aos dois feixes de fatores, os contextuais e os situacionais, para poder falar em estilo, é o aspecto que se poderia chamar de eficiência ou desempenho do enunciado. Os manuais estilísticos nunca deixaram de incluir este

componente decisivo quer de forma analítica, descrevendo os fenômenos estilísticos, quer com ênfase prescritiva, recomendando ou desaconselhando certos elementos e usos da língua.

O que acaba de ser exposto de forma muito condensada seja explicado, no que segue, mediante algumas observações com referência à bibliografia de data mais recente.

A importância que revestem os fatores de contexto e situação decorre do próprio modo de apresentação do material nas estilísticas. O que diferencia estas, por exemplo, das gramáticas é o fato de certas avaliações estilísticas serem introduzidas por trechos em que se explica a situação, e apresentadas na forma de citações relativamente longas que permitem observar a colocação do elemento estilístico em questão, quer dizer, situação e contexto possibilitam uma avaliação do desempenho do fenômeno estilístico referido. É claro que existem outras formas de apresentação, por exemplo, situações podem ser apresentadas em forma de resumos aplicáveis a várias ocorrências, contextos não precisam superar a unidade da oração graças a uma certa autonomia em nível sintático.

O conceito de contexto é suscetível de ampliação: atrás da avaliação de um fenômeno estilístico dentro do seu contexto lingüístico está o sistema das respectivas possibilidades lingüísticas³⁹.

Nada mais difícil do que chegar a uma classificação satisfatória dos fatores situacionais no sentido lato da palavra. Uma introdução à metodologia da estilística, publicada há alguns anos, propõe os seguintes tópicos:

- o assunto em que se fala;
- o objetivo comunicativo;
- as normas de uso sociais da língua;
- a individualidade do falante;
- a individualidade do ouvinte;
- as circunstâncias situacionais que acompanham o ato de falar⁴⁰.

Não deve oferecer maiores dificuldades idear outra classificação dos fatores situacionais, uma vez que esta tarefa significa nada menos que classificar tudo o que abrange o referencial ou extralingüístico.

Bastaria, por exemplo, estabelecer uma classificação dos diferentes capítulos dos *Exercícios de estilo* de Raymond Queneau publicados já nos anos 40⁴¹ para fazer idéia da complexidade dos

múltiplos fatores contextuais e situacionais que determinam o fenômeno estilístico.

O conceito de desempenho ou eficiência lingüística, cuja avaliação ou análise parece fundamental para poder-se falar em estilo, nem sempre foi tomado na devida consideração. Pode-se verificar isto por certa falta de distinção nítida entre "linguagem" e "estilo", por exemplo, quando se pretende distinguir entre linguagem administrativa e estilo administrativo, linguagem técnica e estilo técnico.

Tomemos um exemplo da língua portuguesa da área lexical:

Para designar o meio corrente do transporte aéreo público dispomos de uma palavra genérica e outra de caráter específico, a saber, *aeronave* e *avião*. Segundo o *Novo dicionário Aurélio*, *aeronave* é uma "designação genérica dos aparelhos por meio dos quais se navega no ar" e dos quais há dois tipos: *aerostatos* e *aeródinos*". *Avião* de acordo com o *Novo dicionário Aurélio* é um "aeródino dotado de meios próprios de locomoção, e cuja sustentação se faz por meio de asas"⁴².

Aeródino, *aerostato* e sua designação genérica *aeronave* pertencem, por conseguinte, à linguagem técnica, *avião*, *helicóptero*, *dirigível*, *teco-teco*, sem deixarem de pertencer também à linguagem técnica, são palavras da língua comum. O que vem dito acima não tem nada a ver com estilística. Seria inadequado falar com respeito ao uso da palavra *aeronave* em elemento lexical do *estilo técnico*. A palavra *aeronave* por si mesma pertence à *linguagem técnica*.

Tudo muda quando, pouco antes de chegarmos a um aeroporto, somos convidados pelo pessoal de bordo a manter apertados os cintos "até o completo estacionamento da aeronave". Neste caso, o emprego da palavra *aeronave* ocorre numa determinada situação, a de os passageiros ficarem na expectativa da chegada e num determinado contexto lingüístico, caracterizado pelo elemento nominal "estacionamento" típico de anúncios neste setor. Dentro do âmbito da linguagem técnica o emprego de *aeronave* em vez de *avião* tem sua razão, evita por exemplo a dificuldade de escolher entre vários meios de transporte aéreo. O que importa para o receptor, no caso o passageiro, é que ele percebe consciente ou inconscientemente o termo técnico, normalmente não empregado por ele, e que causa um determinado efeito quer de um elemento que expressa a alta tecnologia deste setor garantindo-lhe segurança pes-

soal, quer como palavra inadequada em uma unidade semântica que o convida para permanecer sentado.

O famoso exemplo de uma unidade sintática estilística, a pequena frase "nasce o sol", tornar-se um elemento estilístico em função da situação em que vem pronunciada, deve ser visto igualmente no seu efeito provocado pelo emissor e/ou sentido pelo receptor. Além disso este efeito é favorecido pelo contexto lingüístico, por exemplo, quando depois de um trecho composto de orações mais extensas, se enuncia esta frase-núcleo em que o significado se condensa no essencial.

Fundamentalmente o elemento estilístico deve ser considerado como um conglomerado de componentes situacionais, contextuais e de relevo condicionado pelos dois primeiros componentes mais o valor próprio que reveste o signo lingüístico em questão. A distribuição desses três componentes varia de um signo lingüístico para o outro. Por exemplo, um lexema como **focinho** no sentido de "rosto humano" depende desses componentes para sua análise semântica, ao passo que as palavras **rosto** ou **cara** neste sentido são muito mais autônomas. Mas o que se consegue determinar semanticamente mediante análises situacional e contextual é o sentido de **focinho** enquanto denominador do rosto humano e o registro a que pertence esta palavra. O que não se pode analisar apenas mediante estes dois componentes é o valor estilístico que se revela tão-somente por uma avaliação do desempenho do elemento em questão dentro do conjunto dos outros componentes.

Acaba-se de tentar resumir o que se considera como a essência de estilo na base de uma bibliografia parcialmente dispersa e incoerente. A definição de estilo como avaliação e análise do desempenho lingüístico dentro de uma constelação de componentes situacionais e contextuais implica uma rememoração dos dois aspectos metodológicos nos estudos estilísticos. Propõe-se chamar estes dois aspectos metodológicos recorrendo provisoriamente a uma terminologia lingüística tradicional, a saber, métodos semasiológico e onomasiológico.

Na onomasiologia discutem-se os significantes de um determinado grupo de significados ou de um significado único. Ora, sabe-se que o significado como conceito lingüístico é muito amplo e abrange os significados gramaticais, p. ex. categorias gramaticais e derivacionais, os significados lexicais, sintáticos para, por assim

dizer, diluir-se no nível do texto ou da obra inteira. É este conceito que normalmente está na base dos manuais estilísticos que nos seus capítulos morfosintáticos e lexicais focalizam o lado significativo. Disto fundamentalmente não se distinguem as estilísticas mais recentes, que como os trabalhos de Riesel ou Fleischer e Michel^{4,3} apresentam os recursos estilísticos no quadro de um determinado registro. A dificuldade de encontrar-se uma organização do material verdadeiramente estilístico consiste em estabelecer uma ordem semasiológica que leve em consideração os outros componentes situacionais e contextuais.

O enfoque semasiológico é apresentado por exemplo na segunda parte do conhecido tratado estilístico de Crystal e Davy intitulado **Investigating English Style**^{4,4}, onde os autores oferecem uma análise prática de textos de diferentes linguagens setoriais, como conversação, religião, imprensa, etc. No fundo, a análise de textos com fins estilísticos, que procede por critérios gramaticais, lexicais, setoriais ou retóricos, constitui o trabalho preparatório para o manual estilístico.

Uma consequência deste modo de ver o estilo como elemento lingüístico "eficiente" enquadrado numa determinada conjuntura situacional e contextual consiste na necessidade de reformular dois critérios considerados como fundamentais para o estudo do estilo, a saber, o critério da opção e o da sinonímia. O critério da opção, tão usado nos estudos estilísticos, sofre numerosas restrições, uma vez que, sobretudo na linguagem sem preponderância formal e sujeita a múltiplos fatores situacionais e contextuais, muitas vezes existe apenas um único elemento lingüístico que garante o aspirado desempenho expressivo. Por outro lado, existem sinônimos que parecem sinônimos verdadeiros como por exemplo **momento** e **instante**, cuja seleção sofre restrições em nível contextual, por exemplo, para evitar muitas repetições. Finalmente há palavras que podem ser sinônimas apenas por fatores contextuais. Citemos um exemplo da literatura brasileira para ilustrar este último fenômeno:

Na novela "O Morto na Sala" publicada na coletânea intitulada **Novelas nada exemplares**, de Dalton Trevisan^{4,5}, o protagonista é uma pessoa já falecida que no decorrer da novela é denominada com certos sinônimos como **defunto**, **finado**, **cadáver** mas também com palavras não sinônimas como **velho**, **viajante**, **caixeiro-viajante**, **hóspede**, **espião**, todos designando o mesmo morto em parte

com referência a uma época em que o protagonista ainda vivia. Trata-se, por conseguinte, de sinônimos que somente o são no nível do contexto. Na novela citada sinônimos absolutos e sinônimos contextuais se revezam quer para fins estilísticos formais, isto é, evitar repetições, quer para fins estilísticos significativos, isto é, dar certa plasticidade à descrição da vida do defunto.

Outra conseqüência decorre do caráter do elemento estilístico por assim dizer condensador de fatores situacionais e contextuais. Isto significa que atrás do elemento estilístico podem supor-se circunstâncias que vão além do significado imediato. Estilo neste sentido, por conseguinte, é revelador da tendência de uma obra, de um grupo, de uma época ou de uma atitude. Daí as várias tentativas de relacionar estilo com o lado referencial, por exemplo como repercussão da cultura, da psicologia de um indivíduo ou grupo ou da situação social. Este aspecto, que não pode ser abordado de modo extenso aqui, é um fator determinante para a história da estilística enquanto história ideológica. Assim, por exemplo, o conceito do estilo como reflexo da experiência psíquica pode ser considerado como continuação da concepção individualista⁴⁶. Os adeptos da estilística psicológica viam a essência do estilo na manifestação verbal enquanto vivência do emissor. No nível coletivo e fora do âmbito de escolas ou épocas literárias, estilo se relaciona com dados sociais e movimentos ideológicos. Houve uma época, no Brasil, em que na linguagem pública as palavras quase sinônimas **camponês** e **rurícola** quanto ao âmbito em que se empregavam, divergiam. Os círculos políticos chamados de moderados preferiram a palavra mais técnica **rurícola**, porque **camponês** era mais usado pela esquerda e revestia um matiz de luta de classe. Diferente dos sinônimos contextuais, acima mencionados, a sinonímia **rurícola-camponês** é uma sinonímia situacional. Mas a cisão dessas duas palavras não se devia apenas aos ambientes em que se empregavam. Neste caso seria apenas uma diferença de registro. O que conta, do ponto de vista estilístico, são as associações que essas palavras evocam: por um lado temos uma palavra que devido à sua formação com componentes latinos cultos faz pensar nos numerosos termos técnicos, livres de qualquer conotação e por assim dizer assépticos, por outro lado uma palavra, se não popular, pelo menos familiar a todas as camadas da comunidade lingüística e graças a seu emprego em certas combinações, como em **ligas camponesas**, cheia de caráter evocatório.

Na bibliografia estilística recente, observações deste tipo, como acabam de ser ilustradas por meio de um exemplo, concretizam-se na forma de todo um programa com o fim de analisar a situação política da sociedade de uma determinada época. Assim, numa publicação dos anos 60 propõe-se proceder a um estudo estilístico das lutas na época da Reforma do século XVI mediante um levantamento das particularidades da gramática e do léxico do período em questão. O enfoque estilístico deste levantamento consistiria em concentrar os estudos na relação entre forma e expressão daqueles recursos estilísticos que servem para tornar mais eficientes os enunciados. Tais análises, baseadas na idéia de que os recursos lingüísticos focalizados repercutem em determinadas constelações políticas e sociais, levariam a uma verdadeira interpretação estilística das múltiplas formas de expressão da respectiva época⁴⁷.

Concepções de estilo como as que acabam de ser resumidas, merecem atenção especial uma vez que tocam um problema crucial da estilística, a saber: o lado semântico. No fundo, o trabalho referido defende, no nível coletivo, uma posição comparável, no nível individual, à concepção de cunho idealista e que consistia em tomar as particularidades estilísticas de uma obra como base da interpretação do seu conteúdo e da mensagem de seu autor para poder verificar, depois, esta interpretação voltando às particularidades estilísticas. O que nos trabalhos de Leo Spitzer e outros poderia caracterizar-se como método individual-estético, tem sido chamado, no que vem exposto acima, de diferenciação social-funcional das variantes estilísticas⁴⁸.

A teoria estilística moderna nem sempre leva em conta que uma descrição estilística não deve limitar-se aos meros fatos internos da língua, mas que é preciso desenvolver uma teoria do relacionamento dos fenômenos estilísticos com a realidade extralingüística. Além disso, muitos manuais estilísticos restringem suas observações às unidades tradicionais da lingüística tomando como unidade maior a sintática. Mas um campo não menos importante para esta subdisciplina da ciência da linguagem é o texto como unidade para ser analisada. A sinonímia contextual como foi demonstrada pela novela citada de Dalton Trevisan, se baseia no fato de muitas frases não serem autosssemânticas, i. é., auto-suficientes do ponto de vista semântico, mas sinsemânticos, quer dizer, apóiam-se mutua-

mente ou tornam-se compreensíveis dentro do parágrafo ou do texto inteiro⁴⁹.

É por conseguinte o aspecto semântico o ponto mais nevrálgico da estilística. O lado significativo do signo lingüístico parece prometer, sob o fenômeno da sinonímia, um critério relativamente estável. Assim, por exemplo, a introdução teórica e metodológica à estilística intitulada *Linguostylistics* de Olga Achmanova inicia-se justamente com um capítulo denominado "A sinonímia como categoria linguoestilística"⁵⁰. Além de abordar em poucas palavras a muito debatida problemática, a saber se há sinônimos ou não, Olga Achmanova enfatiza dois aspectos. O primeiro consiste em saber quantas séries sinonímicas há do tipo: **face-rostocara-focinho**, etc. Esta questão parece ser de importância menor, uma vez que se refere à outra variação lingüística, i. é., a registros ou níveis de fala. O segundo aspecto é o do referencial, que se deve considerar como extralingüístico e que Olga Achmanova chama de "metasemiótico". Como acabamos de ver, este aspecto é decisivo no fenômeno estilístico, mas reveste um aspecto tríplice: o contextual, o situacional e o significativo no sentido amplo do termo. Este último aspecto desempenha nos estudos estilísticos da escola saussureana um papel fundamental sem encontrar designação única. O termo mais usado é "expressivo" resp. "expressividade", mas outras designações como "conotação" ou "afeto" ou até "efeito" no fundo se relacionam com o mesmo aspecto.

Basta folhear um dos manuais estilísticos da língua portuguesa para perceber a alta frequência destas designações com que são descritos os diferentes elementos estilísticos⁵¹. Parece promissor traçar a história destas designações nos estudos estilísticos em Portugal e no Brasil, já que a escola saussureana e ballyana teve ampla aceitação nestes países⁵².

Ora, o vago destas designações não é casual. O valor chamado de expressivo não é algo intrínseco ao elemento estilístico, mas tratando-se de algo provocado pelo emissor ou/e percebido pelo receptor, se concretiza apenas na análise — consciente ou inconsciente — do elemento em questão. Mesmo que se concorde — e isto parece hoje opinião comum — em que não existe enunciado sem estilo, estilo sempre se analisa mediante determinados fenômenos que chamam a atenção, sejam eles fenômenos com frequência relativamente alta, elementos lingüísticos que não se conformam com a norma gramatical ou fatos da língua que chamam a atenção por não se integrarem no respectivo tipo de texto.

Este aspecto tradicionalmente chamado de "expressivo", apesar de não ser destacado com a devida insistência na bibliografia linguoestilística recente, reveste grande relevância nas pesquisas estilísticas empíricas destinadas ao levantamento do material. É esta uma preocupação do lingüista franco-americano Michael Rifaterre e de seus seguidores⁵³. Este critério serve para distinguir estilo das variações lingüísticas, como por exemplo dos níveis de fala ou das linguagens setoriais, i. é., linguagem administrativa, jornalística, jurídica, técnica, etc. Escrever um trabalho sobre o estilo jornalístico não pode significar tão-somente reunir os fenômenos lingüísticos deste ramo enquanto se distinguem de outras linguagens. Um tratado estilístico sobre esta matéria implicaria uma avaliação do **desempenho** dos elementos considerados como típicos, na base, por exemplo, de um levantamento de frequência e um cotejo com outras linguagens setoriais. Tais pesquisas estilísticas, chamadas de estilísticas funcionais, não precisam romper com a tradição estilística de cunho idealista e estruturalista. O que, realmente, deve rejeitar-se é o enquadramento do chamado "estilo literário" na estilística funcional. Um estilo literário não existe, porque participa das várias diferenças internas da língua. Seria inviável escrever um manual neste campo de acordo com o livro acima mencionado sobre o estilo do alemão coloquial⁵⁴. O enfoque deve partir de critérios literários como obra, autor, escola, época ou de determinadas categorias lingüísticas como estilo nominal ou emprego dos adjetivos. Aliás, é este último o fio condutor com que se orientam muitos manuais estilísticos. Do mesmo modo é de recusar a igualação de língua escrita/língua falada com estilo, o que às vezes vem sugerido em trabalhos recentes⁵⁵, uma vez que a diferença se baseia na situação, i. é. no processo e nas circunstâncias comunicativas. Um estudo contrastivo dessas duas variantes do ponto de vista estilístico deve basear-se numa análise do desempenho comunicativo dos elementos da língua falada, deve, por exemplo, indagar em que medida a extrema redução das conjunções subordinativas, característica da língua falada, consegue tornar mais eficiente o enunciado oral.

Do que vem sendo dito decorre que estilo não pode ser enquadrado nas variantes denominadas de ocasionais, p. ex. registro, nem nas variantes chamadas de permanentes, i. é. variantes inerentes aos falantes por causa da sua socialização, como dialeto ou socioleto. Para resumir isto com um exemplo:

Se um elemento da linguagem popular é julgado de grande expressividade, deve-se isto não ao carácter da gíria em geral mas ao fato de o falante ou o ouvinte ter este elemento por mais expressivo do que o correspondente em outro registro da língua, quer entre variantes da língua, quer comparando-o com a situação em que se desenvolve o processo de comunicação, quer dentro do próprio sistema de uma só variante ou do âmbito textual em que ocorre.

Assim a crítica já proferida por Marouzeau contra o conceito de expressividade e conceitos semelhantes, censura ao lingüista genebrino por ter limitado a noção indevidamente, carece de fundamento⁵⁶. "Expressividade", junto com conceitos como "afetividade" ou "sentimento", deve ser visto no quadro das tendências de eticizar a retórica, tendências observáveis no século XVIII e na lingüística psicológica em vigor a partir do fim do século XIX. Assim, a *Estética da língua alemã* de Oscar Weise publicada em 1903 e modelo da *Estética da língua portuguesa* de Joaquim Ribeiro, no quinto capítulo junta uma lista de recursos lingüísticos sob o título de "reforço da expressão"⁵⁷. No seu livro intitulado *Transformações, estilo e significado* Jacobs e Rosenbaum alegam que "indagar mais sobre o efeito das transformações significa indagar mais sobre o que o estilo contribui para o sentido"⁵⁸. Talvez esta citação tirada de um trabalho transformacional seja o melhor testemunho da longevidade e da viabilidade do conceito ballyano.

Embora critérios como "expressividade", "efeito" ou "afetividade" sejam critérios relativamente vagos, oferecem a vantagem de abranger a estilística chamada de estética e a estilística funcional, sendo denominador comum, como foi salientado, a eficácia comunicativa, quer como intenção do emissor, quer como efeito sobre o receptor⁵⁹. Na base destas observações parece até absurdo contestar o critério da sinonímia para a estilística e equiparar o conceito de estilo ao conceito de significado⁶⁰. A sinonímia enquadrada nos fatores acima discutidos deve ser considerada como critério inicial e como critério fundamental para a ordenação dos materiais estilísticos. A sinonímia é um conceito lingüístico e estilístico e a dificuldade consiste em distinguir entre os dois âmbitos⁶¹.

NOTAS

- 1 — Câmara Jr. (1978), Galvão (1979), Lapa (1965), Melo (1976), Ribeiro (1964), Vilanova (1979). O livro de Saïd Ali (1971) inclui outros assuntos relacionados com a língua.
- 2 — Isto é especialmente o caso dos estudos estilísticos da língua espanhola, em que parecem faltar manuais de grande divulgação como Cressot (1969) na França ou Lapa (1965) no domínio lingüístico português.
- 3 — Cressot (1980), Enkvist (1974), Murry (1968), Riffaterre (1973), Eila (1978).
- 4 — Spillner (1974) p.12.
- 5 — Fleischer/Michel (1977) p.18-35, Guiraud/Kuentz (1970) p.3-16, Sowinski (1978) p.12-30, Spillner (1974) p.25-59.
- 6 — Cf. Kubczak (1979) a respeito de Coseriu (p.18 e s.).
- 7 — Cf. entre outros o livro de Klein (1974).
- 8 — Vide nota 5.
- 9 — Sowinski (1978) p.12-30.
- 10 — Diller/Kornelius (1978) p.64.
- 11 — Winter (1967) p.222.
- 12 — Lewandowski (1976) 2, p.478.
- 13 — Lewandowski (1976) 3, p.723.
- 14 — Cite-se como exemplo o capítulo 8 em Lapa (1965).
- 15 — Cf. Sowinski (1978) p.17 e s. Fundamentalmente Riffaterre (1978) baseia sua teoria estilística neste critério.
- 16 — Eila (1978) p.84.
- 17 — Eila (1978) p.72.
- 18 — Cf. o resumo das idéias a respeito em Zimmer (1978) p.7-15.
- 19 — Eila (1978) p.65, Vilanova (1979) p.9 (seguindo Ulfman).
- 20 — Hatzfeld (1961).
- 21 — Eila (1978) p.80.
- 22 — Sandig (1978) p.5.
- 23 — Souza (1979) p.40.
- 24 — Ermatinger (1923) p.200, cf. Enkvist (1974) p.25, n.7.
- 25 — Garcia (1978).
- 26 — Frey (1975) p.11 e s.
- 27 — Riesel (1964) p.37.
- 28 — Sandig (1978) p.10.
- 29 — Presença da literatura brasileira (1967) 3, p.84.
- 30 — Sowinski (1978) p.31 e s.
- 31 — Reiss (1971) p.31 e s.; cf. Zimmer (1981) p.2 e 149 e ss.
- 32 — Milani (1975), Alves (1980).
- 33 — Sanders (1977) p.65 e s.
- 34 — Hausenblas (1962/1971) p.40.
- 35 — Bueno (1964) p.43.
- 36 — Mounin (1971) p.166.
- 37 — Güllich/Raible (1977) p.66.
- 38 — Zimmer (1978) p.24.
- 39 — Einführung in die Methodik ... (1972) p.40.
- 40 — Einführung in die Methodik ... (1972) p.40.
- 41 — Queneau (1947).
- 42 — Cf. Novo Dicionário Aurélio sob os respectivos verbetes.
- 43 — Riesel (1964), Fleischer/Michel (1977).
- 44 — Crystal/Davy (1969) p.93 e ss.

- 45 - Truvisan (1975) p. 19-25.
 46 - Sowinski (1978) p. 14-16.
 47 - Pfütze (1964).
 48 - Giesecke (1979) p. 288.
 50 - Achmanowa (1976) p. 6-14.
 51 - Cf. por exemplo Lapa (1965) no capítulo 7.
 52 - Hatzfeld (1961).
 53 - Um resumo das idéias de Riffaterre é dado por Zimmer (1978) p. 15-20.
 54 - Riesel (1964).
 55 - Crystal/Davy (1969) p. 95 e ss., Sanders (1973) p. 38 e ss., Stöl (1974) p. 20 e s.
 56 - Elia (1978) p. 65.
 57 - Weise (1903) p. 38-60, Ribeiro (1964).
 58 - Jacobs/Rosenbaum (1973) p. 35.
 59 - Fleischer/Michel (1977) p. 14.
 60 - Ellis (1970) p. 71.
 61 - Agradeço à minha colega da UFPb Linalda de Arruda Mello a ajuda na redação portuguesa deste texto.

BIBLIOGRAFIA

- ACHMANOWA, Olga. Linguostylistics. Theory and Method. The Hague etc., Mouton, 1976.
 ALVES, Ieda Maria. Observações sobre a Prefixação Intensiva no Vocabulário da Publicidade, in: Alfa 24, 1980, p. 9-14.
 BUENO, Francisco da Silveira. Estilística Brasileira. O Estilo e a sua Técnica. São Paulo, Saraiva, 1964.
 CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Contribuição à Estilística Portuguesa. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 3ª ed., 1978.
 CRESSOT, Marcel. Le Style et ses Techniques. Paris, Presses Universitaires de France, 6ª ed., 1969 (= edição consultada).
 —. O Estilo e as suas Técnicas. Lisboa, Edições 70, 1980.
 CRYSTAL, David/DAVY, Derek. Investigating English Style. London etc., Longmans, 1969.
 DILLER, Hans-Jürgen/KORNELIUS, Joachim. Linguistische Probleme der Übersetzung. Tübingen, Niemeyer, 1978.
 EINFÜHRUNG in die Methodik der Stiluntersuchung. Berlin, Volk und Wissen, 1972.
 ELIA, Sívio. A Estilística. in: Elia, Sívio. Orientações da Lingüística Moderna. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 2ª ed., 1978, p. 51-100.
 ELLIS, J. M. Linguistics, Literature and the Concept of Style. in: Word 26, 1970, p. 65-78.
 ENKVIST, Nils Erik. Definindo o estilo. in (Enkvist, Nils Erik/Spencer, John/Gregory, Michael J., Lingüística e Estilo. São Paulo, Cultrix, 2ª ed., 1974, p. 15-72.
 ERMATINGER, Emil. Das Dichterische Kunstwerk. Leipzig etc., Teubner, 2ª ed., 1923.
 FLEISCHER, Wolfgang/MICHEL, Georg. Stilistik der Deutschen Gegenwartssprache. Leipzig, Bibliographisches Institut, 2ª ed., 1977 (= edição consultada).
 FREY, Eberhard. Stil und Leser. Bern etc., H. Lang, 1975.
 GALVÃO, Jesus Bello. Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 3ª ed., 1979 (= edição consultada).
 GARCIA, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 7ª ed., 1978 (= edição consultada).

- GIESECKE, Michael. Schriftsprache als Entwicklungsfaktor in Sprachund Begriffsgeschichte. in: Historische Semantik und Begriffsgeschichte, ed. Reinhart Koselleck. Stuttgart, Klett-Cotta, 1979, p. 262-302.
 GUIRAUD, Pierre/KUENTZ, Pierre (ed.). La Stylistique. Paris, Klincksieck, 1970.
 GÜLICH, Elisabeth/RAIBLE, Wolfgang. Linguistische Textmodelle. München, Fink, 1977.
 HATZFELD, Helmut. Stilistische Studien in Portugal und Brasilien. in: Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte 1, 1961, p. 203-220.
 HAUSENBLAS, Karel. Stile der Sprachlichen Äusserungen und die Sprachschichtung (1962). in: Stilistik und Soziolinguistik, ed. Eduard Benes und Josef Vachek. Berlin, List, 1971.
 JACOBS, Roderick A./ROSENBAUM, Peter Steven. Transformationen, Stil und Bedeutung. Frankfurt/M., Athenäum, 1973.
 KLEIN, Wolfgang. Variation in der Sprache — ein Versuch zu ihrer Beschreibung. Kronberg/Ts, Scriptor, 1974.
 KUBCZAK, Hartmut. Was ist ein Soziolekt? Heidelberg, Winter, 1979.
 LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 4ª ed., 1965 (= edição consultada).
 LEWANDOWSKI, Theodor. Linguistisches Wörterbuch. vol. 1-3. Heidelberg, Quelle & Meyer, 1976.
 MELO, Gladstone Chaves de. Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
 MILANI, C. Aspetti Morfosintattici e Stilemi del Linguaggio della Pubblicità. in: Aevum 49, 1975, p. 553-579.
 MOUNIN, Georges. Clefs pour la Linguistique. 2ª ed., Paris, Seghers, 1971 (= edição consultada).
 MURRY, J. Middleton. O Problema do Estilo. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968.
 NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.
 PFÜTZE, Max. Sprachgeschichte und Frühbürgerliche Revolution. in: Wissenschaftliche Zeitschrift der Pädagogischen Hochschule Potsdam, Gesellsch.-Sprachw. Reihe, Sonderheft, 1964, p. 99-112.
 PRESENÇA DA LITERATURA BRASILEIRA. vol. 1-3. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966-1967 (= edição consultada).
 QUENEAU, Raymond. Exercices de Style. Paris, Gallimard, 1947.
 REISS, Katharina. Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. München, Hueber, 1971.
 RIBEIRO, Joaquim. Estética da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964 (edição consultada).
 RIESEL, Elise. Der Stil der Deutschen Alltagsrede. Moskau, 1964.
 RIFFATERRE, Michael. Estilística Estrutural. São Paulo, Cultrix, 1973.
 SAID ALI, Manuel. Meios de Expressão e Alterações Semânticas. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3ª ed., 1971.
 SANDERS, Willy. Linguistische Stiltheorie. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1973.
 —. Linguistische Stilistik. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1977.
 SANDIG, Barbara. Stilistik. Berlin, de Gruyter, 1978.
 SÖLL, Ludwig. Gesprochenes und Geschriebenes Französisch. Berlin, Erich Schmidt, 1974 (= edição consultada).
 SOUZA, Márcio. Operação Silêncio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
 SOWINSKI, Bernhard. Deutsche Stilistik. Frankfurt/M., Fischer, 2ª ed., 1978 (= edição consultada).

- SPILLNER, Bernd. *Linguistik und Literaturwissenschaft*. Berlin, etc., Kohlhammer, 1974.
- TREVISAN, Dalton. *Novelas nada Exemplares*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 4ª ed., 1975 (= edição consultada).
- VILANOVA, José Brasileiro. *Aspectos Estilísticos da Língua Portuguesa*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1979 (= edição consultada).
- WEISE, Oskar. *Ästhetik der Deutschen Sprache*. Leipzig, Teubner, 1903.
- WINTER, Werner. *Stil als Linguistisches Problem*. in: *Satz und Wort im Heutigen Deutsch*. Düsseldorf: Schwann, 1967, p.219-235.
- ZIMMER, Rudolf. *Stilanalyse*. Tübingen, Niemeyer, 1978.
- , *Probleme der Übersetzung Formbetonter Sprache*. Tübingen, Niemeyer, 1981.